

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS BÁSICAS DA SAÚDE
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE CIÊNCIAS “CIÊNCIA É 10!”

Elenise Cogo dos Santos

IMPORTÂNCIA DE TRABALHAR EDUCAÇÃO SEXUAL PARA
ESTUDANTES DO GÊNERO MASCULINO PRIVADOS DE LIBERDADE

Porto Alegre

2021

Elenise Cogo dos Santos

**IMPORTÂNCIA DE TRABALHAR EDUCAÇÃO SEXUAL PARA
ESTUDANTES DO GÊNERO MASCULINO PRIVADOS DE LIBERDADE**

Trabalho de conclusão de curso de especialização apresentado ao Instituto de Ciências Básicas da Saúde da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Ciências.

Orientadora: Prof^a Dr^a Tatiana Souza de Camargo

Coorientadora: Prof^a Dr^a Mônica da Silva Gallon

Porto Alegre

2021

**IMPORTÂNCIA DE TRABALHAR EDUCAÇÃO SEXUAL PARA
ESTUDANTES DO GÊNERO MASCULINO PRIVADOS DE LIBERDADE**

***THE IMPORTANCE OF WORKING SEXUAL EDUCATION FOR MALE
STUDENTS DEPRIVED OF FREEDOM***

Elenise Cogo dos Santos¹, Prof^a Dr^a Mônica da Silva Gallon¹, Prof^a Dr^a Tatiana Souza de
Camargo^{1,2}

¹Universidade Federal do Rio Grande do Sul

²E-mail: tatiana@decamargo.com

RESUMO

Enfrenta-se uma sociedade a qual o gênero feminino tem maior expectativa de vida em relação aos homens. Percebe-se que a mulher atribui mais cuidado a sua saúde, com consultas médicas desde a infância, passando, principalmente, pela adolescência e na vida adulta. No caso do gênero masculino, normalmente, suas visitas a médicos se dão na infância e quando sentem necessidade por apresentarem alguma enfermidade que crê ser relevante. Em adolescentes restritos da liberdade, que vêm de uma realidade com nível social desigual, a desinformação é ainda mais grave. Assim, este projeto visa investigar a importância de Educação sexual para estudantes do gênero masculino privados de liberdade na escola inserida em Unidade de Socio-educação. A proposta consistiu em analisar o nível de conhecimento do adolescente sobre o tema por meio de suas dúvidas acolhidas e de observações de aulas sobre Infecções Sexualmente Transmissíveis e Gravidez.

Palavras-chave: adolescente autor de ato infracional. adolescente em conflito com a lei; educação sexual masculina; saúde na adolescência;

ABSTRACT

We face a society in which females have a longer life expectancy than males. It is noticed that women take better care to their health, with medical appointments from childhood, mainly through adolescence and adulthood. In the case of males, their visits to doctors usually use to happen in childhood and when they feel it is necessary for having some serious illness. In adolescents restricted from freedom, where they come from a reality with an unequal social level, misinformation is even more serious. Thus, this project aims to investigate the importance of sexual education for male students deprived of freedom in the school inserted in the Socioeducation Unit. The proposal will be to analyze the level of knowledge of teenagers on the subject through their questions received and observations of classes about STIs and Pregnancy.

Keywords: adolescent health; male sex education; teenager in conflict with the law; adolescent offender.

1 INTRODUÇÃO

É comum para a grande parte das famílias que, na infância, atribui-se maior atenção à saúde da criança, com visitas mais frequentes ao médico. Na adolescência, observa-se que esta atenção à saúde diminui, ou deixa de acontecer, especialmente com os meninos, enquanto com as meninas esse cuidado segue, com visitas ao médico ginecologista após a menarca (ZYLBERSZTEJN, 2020).

Uma pesquisa feita pela Sociedade Brasileira de Urologia com 267 estudantes, sendo 170 meninos e 87 meninas, entre escolas públicas e privadas de 12 estados brasileiros, com idades entre 12 e 18 anos, mostra que apenas 1% dos meninos costumam ir periodicamente ao médico enquanto 34% das meninas da mesma idade vão regularmente ao médico ginecologista (ZYLBERSZTEJN, 2020). Segundo Zylbersztejn (2020), essa grande diferença entre meninas e meninos têm como consequência uma diferença na qualidade de vida que as mulheres possuem comparadas aos homens.

Essa negligência com os adolescentes do gênero masculino pode afetar sua saúde até a idade adulta. Jovens do gênero masculino crescem acreditando que só se vai ao médico em caso de urgência, logo, o que aprendem sobre sua saúde é baseado pela pouca informação que adquirem com a família ou com amigos (BASTOS, 2016; ZYLBERSZTEJN, 2020).

Assim, meninos passam a não ter orientações a respeito de sua própria saúde, pois os próprios pais podem não orientar o suficiente a respeito dos cuidados com o corpo, sexualidade, infecções sexualmente transmissíveis e métodos contraceptivos (ZYLBERSZTEJN, 2020).

Eles preferem falar mais sobre sexo com os amigos (33%), 41,67% preferem não falar com ninguém ou buscam informações sozinhos, o que é muito ruim, porque a chance de serem desinformados é muito grande. A internet é um saco de gatos e a desinformação aparece antes da informação, o que deixa claro a importância da escola com educação sexual (ZYLBERSZTEJN, 2020).

É nessa fase da vida em que o adolescente está passando por mudanças físicas, fisiológicas, emocionais, e suas relações interpessoais também criam uma nova ótica. Assim, para Gomes e Horta (2011, p. 487):

Para o Ministério da Saúde, a adolescência é tida como fase de vulnerabilidades e potencialidades, importante para se focar os problemas associados à gravidez não planejada, o risco de se contrair HIV, o risco do uso de drogas ilícitas e da morte frente à violência.

Informações errôneas relativas às questões da sexualidade humana são em grande parte baseadas em crenças, mitos ou informações nada científicas. A consequência disso podem ser adultos e idosos com problemas de saúde não resolvidos e com grande resistência a consultas médicas, como Zylbersztejn (2020) ressalta "[...] estes [homens] procuram o médico, essencialmente, quando têm algum problema de saúde e acaba não tendo uma rotina". Bastos (2016, p. 16) também declara que os serviços de saúde ambulatoriais e hospitalares são mais procurados pelas mulheres, ao passo que os homens frequentam serviços ambulatoriais requeridos pelo trabalho, ou emergenciais em casos graves.

A falta de comunicação entre adolescentes e a família os torna mais propensos a influências externas como as de pessoas no círculo de amizade. Muitas vezes essa influência vem da escola, pois os professores são, normalmente, os adultos mais próximos e aptos para sanar várias dúvidas. Como Holanda *et al.* (2010, p. 703) ressaltam: “Os pais ainda não dão a devida atenção à sexualidade dos filhos o que aumenta a responsabilidade dos professores na educação sexual do aluno” e acrescentam: “se a família não assume o papel na educação sexual do jovem, a responsabilidade recai sobre a escola, na figura do professor”.

Gomes e Horta (2011, 487) ainda afirmam:

Entretanto, a implementação dessas ações pelos profissionais de saúde não é simples, uma vez que se percebe que os adolescentes não adentram cotidianamente as unidades de saúde como as demais pessoas, e as práticas assistenciais como a Estratégia de Saúde da Família têm revelado dificuldades em vincular os adolescentes às ações propostas. Desse modo, é importante que o setor saúde busque sistematizar práticas integrais e efetivas junto aos adolescentes, implementando estratégias em locais em que já se encontram no cotidiano, incluindo-se a escola.

É nesse contexto que se manifesta a necessidade de trabalhar sexualidade em todos os anos do ensino fundamental, uma vez que esse tema está restrito como conteúdo do 8º ano na Base Nacional Comum Curricular, apesar de vários estudantes começarem sua vida sexual nos primeiros anos da adolescência (GONÇALVES *et al.* 2015).

Um dos objetivos de se debater a sexualidade no âmbito escolar de maneira clara, está ligado a gravidez precoce e doenças sexualmente transmissíveis (JARDIM, 2006).

É necessário evidenciar que, cada faixa etária tem suas particularidades que devem ser consideradas para se dispor a compreensão das informações cedidas, visando um vínculo entre o conteúdo e a rotina do aluno (JARDIM, 2006).

Gonçalves *et al.* (2015, p. 15) esclarece:

Resultados apontam uma relação entre iniciação sexual (≤ 14 anos) e comportamentos vulneráveis à saúde. O não uso de preservativos e contraceptivos pode torná-los vulneráveis a experimentarem situações não desejadas. Estratégias educativas e socioculturais em saúde devem ser praticadas desde o início da adolescência.

A pesquisa feita pela Sociedade Brasileira de Urologia mostrou que 35% dos jovens não usam nenhum tipo de preservativo em relações sexuais, dando o aumento de três vezes mais adolescentes com HIV comparando a cinco anos atrás. Zylbersztein (2020) também observa que “o adolescente está se cuidando menos e por mais que se tenha informação de que o preservativo é importante, essa comunicação de alguma maneira está sendo falha”. Dos entrevistados na pesquisa 15% já haviam iniciado a vida sexual, desses 44% não usaram preservativo na primeira relação, e 38,57% dos meninos revelaram não saber sequer colocar a “camisinha” (ZYLBERSZTEJN, 2020).

Gonçalves *et al.* (2015) aponta outro grave fator para a saúde dos estudantes:

A prevalência de iniciação sexual foi de 18,6%, sendo maior no gênero masculino, nos adolescentes com menor escolaridade, de baixo nível econômico e naqueles onde as mães tinham baixa escolaridade e tiveram filhos na adolescência. A prática sexual esteve relacionada às variáveis comportamentais analisadas. Na última relação sexual, 30% das entrevistadas não haviam usado métodos contraceptivos e 18% não usaram preservativos. Meninos referiram maior número de parceiros(as) sexuais do que meninas.

A Educação Sexual vem ganhando espaço, sendo considerada de suma importância no processo de formação dos estudantes. Figueiró (1996) evidencia:

O interesse em dispor aos indivíduos, uma Educação Sexual que os torne capazes de viver a sexualidade com liberdade e em plenitude, não é exclusiva de educadores e pensadores de nosso século, embora seja nesse período, que essa preocupação e interesse emergiram com mais vigor e determinação (FIGUEIRÓ, 1996, p. 83).

Figueiró (2009) salienta que o ensino acerca da sexualidade no âmbito escolar não se restringe a colocar em prática metodologias de ensino, aborda o ensino por meio da conduta do docente, compreendendo que sexualidade faz parte de cada indivíduo e pode ser vivida com satisfação, liberdade e responsabilidade. Não se restringe apenas na prevenção de gravidez precoce e doenças sexualmente transmissíveis, mas ao valor da informação ligada a sexualidade (FIGUEIRÓ, 1996).

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 EDUCAÇÃO PARA SEXUALIDADE

Educação para Sexualidade retrata a problemática e a desconstrução dos tipos hegemônicos e naturalizados de se compreender e vivenciar as sexualidades, relacionamentos sociais de gênero, identidades e a orientação sexual. Entende-se que os debates que disseram sobre elas são moldados socialmente, historicamente e culturalmente, possibilitando assim, outras oportunidades de refletir e entender.

Em 1920, o movimento feminista sugeriu a inserção da Educação para Sexualidade nas instituições, visando proteger a infância e maternidade. Em 1928, o Congresso Nacional discutiu a ideia da Educação Sexual para crianças com idade superior a onze anos.

Já em 1960, as instituições de ensino particulares buscaram inserir a Educação para Sexualidade, mas foram inibidas com o golpe de 1964, decorrente da repressão em vigência. Em 1968 apresentou-se um projeto legislativo onde esse tema viria a ser obrigatória no ensino médio e fundamental.

No contexto atual, a inserção no mundo do trabalho e do consumo, o cuidado com o próprio corpo e com a saúde, passando pela educação sexual, e a preservação do meio ambiente são temas que ganham um novo estatuto, num universo em que os referenciais tradicionais, a partir dos quais eram vistos como questões locais ou individuais, já não dão conta da dimensão nacional e até mesmo internacional que tais temas assumem, justificando, portanto, sua consideração. Nesse sentido, é papel preponderante da escola propiciar o domínio dos recursos capazes de levar à discussão dessas formas e sua utilização crítica na perspectiva da participação social e política. (BRASI, 1997. p. 27)

Em 2017, acerca do golpe midiático que impactou o Brasil, a terminologia “gênero” recebeu múltiplos ataques, sendo removido da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que foi aprovada há pouco. Percebe-se que a preocupação com a educação voltada à sexualidade baseia-se em um conhecimento científico de conhecimento sobre o corpo, saúde sexual, e dados que abrangem a complexidade da sexualidade. Mas, vive-se ainda uma luta persistente para a inserção da Educação Sexual.

2.2 GÊNERO E SEXUALIDADE NO ENSINO DE CIÊNCIAS

Silva e Santos (2011) afirmam que as instituições de ensino vêm entregando aos docentes de Biologia e Ciências a responsabilidade do ensino e informações acerca da temática Educação Sexual.

De acordo com o PCN (BRASIL, 1997, p. 31), as temáticas transversais estão ligadas a questões de grande importância e manifestadas em diversas formas. Esses, devem ser inseridos nas áreas já presentes e no trabalho de educação da escola.

Não é possível refletir sobre as temáticas como corpo, ensino e diversidade sexual, desigualdades de gênero, e não relacionar ao ensino de ciências. Pericolo e Britto (2017) desenvolveram esse pensamento, e afirmam que:

Inevitavelmente tem sido a utilização dos ditos conhecimentos científicos que tem respaldado as explicações sobre o corpo e de alguma forma também o seu controle, cercado principalmente de ideias que naturalizam ou normatizam determinadas visões defendidas pelas Ciências Naturais. (PERICOLO; BRITTO, 2017. p. 2-3)

Acerca de livros didáticos da disciplina ciências, percebe-se que os fatores sobre corpo e sexualidade constantemente são inseridos ao final, visando trabalhá-lo somente se houver tempo. Por mais que seja uma temática significativa para os estudantes que estão descobrindo o seu corpo e manifestando uma infinidade de dúvidas, não se insere o conteúdo com prioridade no currículo escolar. Os livros também manifestam conteúdos adversos em relação às terminologias que atualmente não são mais utilizadas.

Destaca-se também a censura existente acerca do corpo, independentemente do sexo. Segundo Louro (2000), o corpo fica do lado de fora da instituição, pois durante a formação do docente aprende-se a separar o corpo e a mente. Os estudos sobre a sexualidade no ensino de Ciências ainda é pauta na fisiologia, e geralmente ocorre de maneira incompleta mesmo com o interesse dos docentes e estudantes.

Bonfim (2009) aponta em sua tese que:

O Ensino de Ciências nas escolas continua ainda pautado na reprodução de informações biológicas, sem fazer uma leitura social, sem articular as questões e evoluções no campo das Ciências em geral e mais especificamente da Biologia com os momentos históricos, com as mudanças políticas, com os interesses dominantes.

Souza (2013) justifica que o espaço disposto para os debates na instituição sobre corpo, sexualidade e gênero são nas aulas de ciências, mas acaba ocorrendo de uma

maneira higienista e médica biologizante, onde busca-se abordar a Educação Sexual está ligada na prevenção de doenças sexualmente transmissíveis (conforme dispostas no apêndice A deste artigo) e gravidez precoce.

Nesse mesmo sentido, Ribeiro (2013. p. 37) afirma que:

[...] a sexualidade tem estado relacionada à conquista de conhecimentos científicos dos sistemas reprodutores e à genitália [...] Assim, os debates científicos abrangem a sexualidade como um condão de natureza biológica, relacionada às características anatômicas do corpo, evidenciando nessas características a sexualidade e as distinções dispostas aos homens e mulheres.

Para Figueiró (2009), todos os docentes educam sexualmente os estudantes por meio da maneira com que se lida com as situações rotineiras. De acordo com Nóvoa (2009, p.15) “ensina-se aquilo que se é e que, naquilo que se é, percebe-se muito daquilo que é ensinado”. Deste modo, contribui-se para que o aluno desenvolva uma imagem boa ou ruim do corpo, sexualidade e relacionamento sexual.

Jardim e Brêtas (2006) afirmam acerca da importância de cumprir com as expectativas dos estudantes de debater não apenas questões de cunho biológico, mas também é importante considerar questões a partir dos sentimentos, valor, moral e ética, faz-se necessário formar docentes capacitados, dispendo a eles meios de ampliar e reutilizar seus conhecimentos e vivências

Nota-se no decorrer do trabalho que diversos significados constituídos historicamente relacionados à sexualidade são pautados por uma ideia reducionista, que não considera fatores histórico-sociais na construção da sexualidade humana.” (COELHO; CAMPOS, 2015. p. 896).

Ao refletir sobre o ensino de Ciências, é importante destacar que não há neutralidade nesse campo de estudo, “[...] atualmente a intensificação das preocupações com a orientação sexual na escola está vinculada à proliferação de casos de doença sexualmente transmissíveis e o aumento de casos de gestação entre adolescentes.” (ALTMANN, 2001. p. 06) principalmente no ensino de Ciências e Biologia.

O ensino dessas matérias tem papel essencial nas instituições, acerca do corpo, sexualidade e gênero. Porém, nesses campos de estudos ainda “[...] é necessário reorganizar e reformular pensamentos equivocados e preconceituosos.” (BARCELOS; JACOBUCCI, 2011. p. 338).

3 METODOLOGIA

A realização do presente trabalho se deu por meio de aula expositiva/dialogada com apresentação de *slides* (Apêndice A) e dois vídeos, da plataforma YouTube, utilizando o Chromebook e aplicação de um questionário (Apêndice B) posteriormente. A proposta foi repetida em todas as turmas de todos os anos escolares, com estudantes de 13 a 20 anos, abrangendo 12 estudantes distribuídos em 6 turmas de Ensino de Jovens e Adultos de Ensino Fundamental (Totalidade 3, Totalidade 4, Totalidade 5, Totalidade 6), 1 estudante do 8º ano do Ensino Fundamental Anos Finais e 20 estudantes do Ensino Médio (1º e 2º ano).

As observações de cada aluno, em todas as aulas foi registrada da forma mais detalhada possível pela professora-pesquisadora, com suas perguntas, dúvidas, relatos de experiências suas e de amigos/conhecidos/parentes, em um diário de campo utilizado para cada turma.

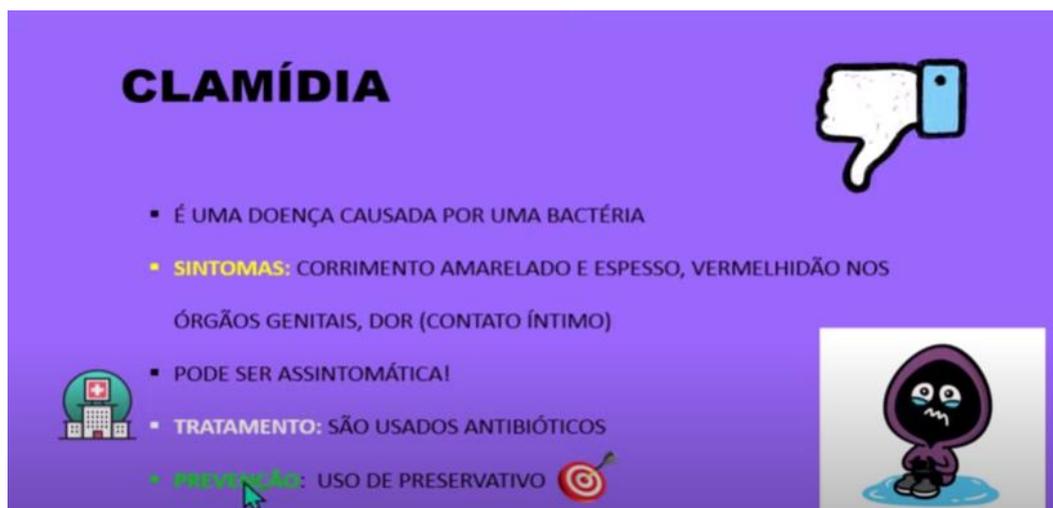
Foi iniciada a aula, em cada turma, com uma breve introdução, interpelando os estudantes sobre sua iniciação na atividade sexual e se haviam recebido qualquer orientação, de algum familiar, médicos ou amigos. Após, foi explicado sobre a importância de trabalhar esse assunto na escola, já que muitos não recebiam informações adequadas e a grande maioria costuma ser resistente a consultas médicas mesmo quando necessário.

Com a apresentação dos *slides*, muitos estudantes pediam para ver fotos de sintomas “das infecções”, sendo essas pesquisadas na internet após a exibição do conteúdo, o qual trouxe muita curiosidade, receio e preocupação em identificar aqueles sintomas em seus corpos.

Algumas infecções, como Sífilis e HIV, despertaram mais interesse sobre os sinais, sintomas e aspectos fazendo com que a busca por imagens sobre a aparência de sintomas fosse mais intensa. Também demonstraram entusiasmo em saber sobre alguns métodos contraceptivos, com vários relatos da utilização de alguns métodos por mulheres da família, ou namoradas e sobre sua eficácia. A professora, a partir dos questionamentos, utilizou o quadro branco para explicar com desenhos esquemáticos como ocorre o ciclo reprodutivo feminino, esclarecendo o motivo de a “pílula do dia seguinte” (ou “pílula de emergência”), não possuir uma eficácia tão significativa para evitar a gravidez, da mesma maneira que o “método tabelinha”.

Após a apresentação por *slides*, apresentou-se dois vídeos, o primeiro, chamado “DSTs / ISTs - Infecções Sexualmente Transmissíveis”, explicando sobre cada *IST* com imagens (as mesmas imagens as quais encontramos na internet), com algumas características de cada infecção (Figura 1), com a forma de propagação e o meio de evitar o contágio, juntamente com a imagem do vírus, bactéria ou parasita (Figura 2) que causa a infecção.

Figura 1: imagem que demonstra uma *IST* e suas características



Fonte: Extraído de Tecnologias na Educação Prof Marcia (2020)¹

Figura 2: imagem que demonstra bactérias causadoras de uma *IST* - Clamídia



Fonte: Extraído de Tecnologias na Educação Prof Marcia (2020)

¹ TECNOLOGIAS DA EDUCAÇÃO PROF. MÁRCIA. **DSTs / ISTs - infecções sexualmente transmissíveis**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bha7uVLMYso>. Acesso em 11 jan. 2022.

O segundo vídeo chamado “Dicas de Saúde: Métodos Contraceptivos”, tratava de apresentar os métodos contraceptivos de forma completa mostrando os procedimentos, dispositivos e substâncias, identificando cada um como método comportamental, de barreira, químico, mecânico, hormonal ou cirúrgico (Figura 3).

Figura 3: imagem que demonstra os tipos de métodos contraceptivos apresentados pelo vídeo



Fonte: Extraído de Farmácia Fácil (2016)².

Cada um dos métodos foi apresentado com fotos/imagens e muitas informações como o percentual de eficácia (Figura 4); e os “métodos não comportamentais” (como os de barreira, químicos, mecânicos, hormonais e cirúrgicos) apresentam informações complementares como valores. Além disso, mencionou-se que métodos contraceptivos estão disponíveis de forma gratuita pelo Sistema Único de Saúde - SUS, a forma correta da utilização e o material com que são feitos (Figuras 5).

² FARMÁCIA FÁCIL. **Dicas de Saúde: Métodos Contraceptivos**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wjmksiXEmeg>. Acesso em 11 jan. 2022.

Figura 4: imagem mostrando formas naturais ou comportamentais como métodos contraceptivos

NATURAL OU COMPORTAMENTAL

TABELINHA



Menstruação Ovulação
Período Fértil

Dia da ovulação varia com o tamanho do ciclo menstrual

Muitas App a ajudam no cálculo

Eficiência: 30-40%

COITO INTERROMPIDO



Auto-controle interromper e ejaculação
Risco emissão antes da ejaculação
Desgaste mental do casal

Eficiência: 20-30%

TEMPERATURA CORPORAL



Variação 0,5 a 1,0°C
Após a ovulação, pelo efeito termogênico da progesterona

Eficiência: 20-30%

OVULAÇÃO BILLINGS OU MUCO CERVICAL



Necessário período observação para identificar variação do muco

Eficiência: 70-97%

FarmáciaFácil

Fonte: Extraído de Farmácia Fácil (2016).

Figura 5: Método contraceptivo de barreira com a utilização do preservativo masculino

BARREIRA - Preservativo Masculino



DEVE SER COLOCADO PÊNIS ERETO ANTES DO ATO SEXUAL

Material: Látex ou Poliuretano
Utilização: Única, descartável
Eficácia: 82 a 98%
Preço unitário: R\$1,00 - R\$7,00 (Gratuito no SUS)



Ele também protege contra as Doenças Sexualmente Transmissíveis

FarmáciaFácil

Fonte: Extraído de Farmácia Fácil (2016).

Para finalizar o estudo, foi disponibilizado um questionário de múltipla escolha para analisar a compreensão e absorção do tema que foi trabalhado em aula, não sendo utilizado como dados dessa pesquisa. Foi desenvolvida uma pesquisa com caderno de campo, onde observou-se que grande parte dos estudantes demonstrou interesse nos sintomas das doenças, e decidiram por conta própria pesquisar mais para obter todas as

informações necessárias para evitar o contágio. Também foi notado o interesse acerca dos métodos contraceptivos, onde muitos estudantes relataram o uso por parte de algum membro da família mas não sabiam muito a respeito, logo, foi feita uma explicação detalhada sobre o ciclo reprodutor feminino, e a função dos métodos contraceptivos. Os dados do questionário aplicado podem ser evidenciados no apêndice B, deste artigo.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A adolescência é caracterizada como uma das fases mais pendulares na vida do indivíduo, onde dá-se início a puberdade e transformações. O aprendizado e vivência são mais intensos decorrente da mudança da infância para a adolescência, e assim a fase se enriquece em experiências novas (MEDEIROS,2015).

Percebe-se a problemática em abordar o assunto nas instituições de ensino, ou por falta de capacitação adequada, ou ainda pela ausência de materiais didáticos. De acordo com Rodrigues et al (2014), é de suma importância a capacitação continuada para a melhoria de conhecimento do docente sobre o assunto, visando sanar as dúvidas geradas pelos estudantes. Salienta-se a necessidade dessa capacitação, como meio de eludir que o educador repasse ao aluno, valores e ideais particulares equivocados e sem embasamento científico, implicando a ausência de autonomia do aluno acerca do tema.

Foram realizados 10 encontros com todas as turmas de EJA Ensino Fundamental Anos Finais, Ensino Fundamental Anos Finais e do Ensino Médio (1º e 2º ano), entre os dias 21 de setembro e 01 de outubro do ano de 2021, com 33 estudantes internos, durante os períodos das aulas de Ciências, Biologia e Física. Após os encontros, diversos estudantes demonstraram interesse em se aprofundar no tema por conta própria, além de se interessarem em saber mais sobre exames de saúde que detectam *IST's* e métodos contraceptivos.

Ao iniciar o trabalho em cada turma, analisou-se diferentes formas de recebimento do assunto. Alguns estudantes apresentaram certo constrangimento, não interagindo com a professora e não relatando suas experiências; outros foram mais abertos e curiosos, fazendo várias perguntas sobre os métodos contraceptivos apresentados, sobre as infecções - principalmente sobre a Sífilis pois a maioria declarou conhecer alguém que já havia sido contaminado - e suas formas de contágios, tentando relacionar com alguns sintomas que apresentavam com os sintomas das infecções sexualmente transmissíveis; poucos estudantes apresentaram certa resistência declarando não terem interesse no

assunto ou não se importarem em contrair qualquer infecção ou de engravidar suas parceiras ou parceiros eventuais, dando a elas a responsabilidade de evitar a gravidez. Porém, ao final todos estavam mais descontraídos, com muitas curiosidades e interesse em preservar mais sua saúde.

Além da Sífilis, o *HIV* e a *AIDS*, despertaram grande ânsia no esclarecimento da diferenciação e das formas de contágio, visto que não eram claros os sintomas e a grande maioria associavam essa doença com uma “sentença de morte”, causando muita preocupação entre os adolescentes.

Os estudantes reportaram não terem recebido orientações adequadas para o início da atividade sexual. Assim, apresentaram muitas informações errôneas e crenças como a utilização do coito interrompido como forma mais prática para evitar a gravidez, a crença em que sexo oral e anal seriam formas seguras para evitar *IST's*, uma vez que, de acordo com os estudantes, “evita” a gravidez; ou o pensamento de que “isso não vai acontecer comigo”, acarretando a falta de uso de preservativo e a despreocupação sobre o risco de contrair qualquer *IST* até momentos antes desse trabalho informativo.

Quase a totalidade dos estudantes relataram não terem recebido orientação de sua família ou qualquer outra pessoa ou órgão público sobre *IST's* ou métodos contraceptivos. Poucos declararam ter um pouco de conhecimento adquirido superficialmente em aula de ciências em determinado momento antes de terem conflitos com a lei.

Essa ausência de conhecimento no começo da adolescência proporcionou para que alguns dos estudantes tivessem filhos sem planejamento, como aconteceu com estudantes de 13 a 15 anos, destinando a responsabilidade da criação à mãe ou avós da criança. Outros afirmaram que se "pegasse" alguma doença iriam “resolver” com suas parceiras, de forma agressiva, as quais possivelmente os teria infectado.

Muitos adolescentes manifestaram grande interesse em verificar sua saúde fazendo exames que detectem *IST's* logo que obtiverem oportunidade, estando ciente de como lidar com possíveis resultados positivos e/ou da importância de preservar sua saúde na hora da relação sexual, e que isso é apenas de sua responsabilidade.

O questionário aplicado mostra que cada estudante obteve significativa absorção de conhecimento sobre os temas abordados, evidenciando a importância de trabalhar sobre *IST's* e métodos contraceptivos nas escolas no Ensino Fundamental Anos Finais e Ensino Médio, visto que a iniciação nas atividades sexuais começa nessa fase da vida dos jovens.

No primeiro dia de aula, foi questionado sobre a participação de aulas voltadas à educação sexual, todos (100%) afirmaram que não participaram nenhuma aula que abordasse inteiramente essa temática. Nota-se através deste, que os estudantes não têm conhecimento sobre o tema, logo, percebe-se que há interesse em realizarem exames médicos. Posteriormente foi questionado à turma qual a percepção deles sobre a sexualidade. Embora poucos tenham se expressado, a maioria concordava sinalizando com a cabeça, é possível, através das falas, reconhecer o interesse no tema. Os estudantes demonstram-se muito interessados com o ensino sobre a sexualidade, e avaliou-se que é possível uma transformação na conduta, quebra de preconceitos e ideias pré-desenvolvidas, essencialmente as errôneas.

É necessário demonstrar que “a sexualidade faz parte da vida de qualquer ser humano, independente de quem seja” (CERTEZA, p. 1, 2013).

A prática do sexo é disseminada na sociedade como parte natural da masculinidade, como cognominar de força coagindo o indivíduo do gênero masculino a dar início cada vez mais precocemente a prática do sexo, e por diversas vezes ocorre sem intenção ou cuidados necessários. Já com o indivíduo do gênero feminino o objetivo é contrário, a sociedade prepara a mesma para a vida maternal onde crê-se que ocultar as orientações sobre a vida sexual para mulher auxilia para uma vida esguardada e sem desejos sexuais (MEDEIROS,2015).

Os desejos da sexualidade sem manifestam em todas as faixas etárias, essencialmente na adolescência, logo, reprimir não é o caminho correto, já que assim pode haver o acúmulo de incertezas, gerando assim insegurança e imaturidade para vivenciar a prática da vida sexual (VALDIVINO,2006).

Temas acerca da sexualidade não se limitam ao ambiente individual. Diversas vezes, para entender condutas e valores particulares é importante contextualizá-los, e assim direcionar para que assegure a todos a dignidade e a qualidade de vida (CERTEZA, p. 1, 2013).

De acordo com os dados de estudo de Castro et al (2004) o índice de casos de Aids apresentados entre as jovens: de treze a dezenove anos aumentou 75% entre os anos de 1991 e 2000, e a taxa de incidência de Aids no país apresentou-se em 0,75 por cem mil mulheres em 1991, e 1,86 em 2000.

No Brasil, embora os programas direcionados ao combate e prevenção da AIDS sejam eficientes a partir de uma política parceira que se expande através de ações

juntamente a sociedade e possibilita o acesso a medicamentos, a AIDS ganha novamente espaço ao se discutir sobre a sexualidade dos jovens (BRASIL,1999).

Sabe-se das múltiplas possibilidades que estimulam o adolescente a desenvolver relações sexuais de risco e a carências nas orientações de gravidez e *DST's* entre os mesmos. Dentre as diversas problemáticas de saúde pública, as Doenças Sexualmente Transmissíveis (*DST's*) notificam por ano aproximadamente 340 milhões de novos casos, de acordo com a Organização Mundial de Saúde (BRASIL,2016).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo apresenta a proposta educativa de como uma disciplina corrobora para abertura de espaço para discussões e reflexões acerca da Educação Sexual com estudantes do gênero masculino privados da liberdade. A pesquisa foi embasada na importância em dispor possibilidades para o ensino da Educação Sexual na disciplina de Ciências. Compreende-se com esse estudo, gênero como uma construção social, aquilo que distingue socialmente os indivíduos, considerando padrões histórico-culturais atribuídos para os homens e mulheres. É um conceito de extrema significância para ser trabalhado nas instituições de educação, para reduzir preconceitos e viabilizar uma sociedade melhor, embasado na igualdade dos gêneros em relação a responsabilidades e respeito ao próximo.

É de suma importância que as temáticas ligadas a sexualidade sejam trabalhadas no ambiente escolar, mas para que haja um resultado satisfatório é importante que se tenha apoio escolar e familiar, não restringindo o assunto apenas no âmbito escolar.

Por meio da realização dessa análise, fica evidente a importância de trabalhar acerca da sexualidade com estudantes do gênero masculino privados de liberdade. Constatou-se que não há conhecimento necessário da parte de seus pais ou tutores que possa ser passado aos estudantes, assim como não há uma relação mais íntima entre pais/tutores e o adolescente, visto que estes relataram não terem consultas médicas de rotina para receber informações adequadas sobre cuidados de saúde. Entre os desafios encontrados, destaca-se o cuidado que o indivíduo responsável deve ter ao abordar assuntos acerca da temática, evitando interpretações errôneas, problemas aos responsáveis, aos estudantes ou à instituição de ensino.

No geral os estudantes demonstraram-se interessados e curiosos sobre o assunto, a maioria afirmou não ter recebido orientação familiar, ou de qualquer outro órgão

especialista sobre o assunto, o pouco que sabem relatam ter ouvido em conversas com amigos. Os estudantes foram orientados sobre como lidar com resultados de exames IST, e a maioria se mostrou interessada em realizar exames e acompanhamento responsável quando possível.

Acerca do que foi apresentado, conclui-se que, embora haja preconceito acerca da sexualidade, é possível trabalhar a sexualidade em sala de aula, com atividades que beneficiem a compreensão do tema, como uso de recursos didáticos, jogos e interação. É necessário que haja diálogo, para avaliar possibilidades e usá-las no ensino.

Diante disso, conclui-se que o panorama escolar deve ser estendido sempre que possível, abrangendo conhecimentos, capacidades e competências de grande relevância acerca da adolescência e sexualidade.

A educação tem um longo percurso a percorrer, metas a serem cumpridas, ideias equivocadas a se derrubar, e capacitar os docentes para que estes possam conduzir corretamente o processo de idealização do indivíduo, possuindo perspicácia para não transmitir regras, padrões e ideais como verdades absolutas. Essa base é de grande importância para que o adolescente esteja apto a definir seus valores sozinho, tomar decisões de forma ordenada, consciente e responsável.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, Helena. **Orientação sexual nos parâmetros curriculares nacionais.**

Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 9, n. 2, p.0114, 2001.

BARCELOS, Nora Ney Santos; JACOBUCCI, Daniela Franco Carvalho. **Estratégias didáticas de educação sexual na formação de professores de Ciências e Biologia.**

Revista Electrónica de Enseñanza de Las Ciencias, Uberlândia, v. 10, n. 2, p.334-345,

Não é um mês valido! 2011. Disponível em:

<http://reec.uvigo.es/volumenes/volumen10/ART6_VOL10_N2.pdf>. Acesso em: 13

mar. 2018.

BASTOS, Tássia Fraga. **Diferenciais de saúde entre homens e mulheres: estudo de base populacional no município de Campinas, São Paulo.** 2016. 1 recurso online (

140 p.). Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Ciências Médicas, Campinas, SP. Disponível

em:<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/312914>. Acesso em: 18 nov.

2021.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais** / Secretaria de Educação

Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997. 126p.

BRASIL. Ministério Da Saúde .2006.Direito Sexuais, Direitos Reprodutivos E Métodos Anticoncepcionais.

BRASIL. Ministério Da Saúde. Saúde Na Escola. Brasília, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília.

Disponível em:<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#fundamental/a-area-de-ciencias-da-natureza>. Acesso em: 18 nov. 2021

BONFIM, Cláudia Ramos de Souza. **Educação sexual e formação de professores de ciências biológicas:** contradições, limites e possibilidades. 2009. 267 f. Tese

(Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

CASTRO, M. G.; ABRAMOVAY, M. ; SILVA, L. B. **Juventudes e sexualidade.**

Brasília: Unesco, 2004.

CERTEZA, L. M. A sexualidade da pessoa com deficiência. Anais do **I Simpósio Internacional de Estudos sobre a Deficiência** – SEDPCD/Diversitas/USP Legal – São Paulo, junho/2013

COELHO, Leandro Jorge; CAMPOS, Luciana Maria Lunardi. **Diversidade sexual, preconceito e aulas de Ciências: reflexões iniciais**. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS – IX ENPEC, 9, 2013, Águas de Lindóia, São Paulo. p. 1 - 8.

COELHO, Leandro Jorge; CAMPOS, Luciana Maria Lunardi. **Diversidade sexual e ensino de ciências: buscando sentidos**. Ciência & Educação (bauru), [s.l.], v. 21, n. 4, p.893-910, dez. 2015.FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ciedu/v21n4/15167313-ciedu-21-04-0893.pdf>>. Acesso em: 19 nov. 2021.

DICAS DE SAÚDE: **Métodos Contraceptivos**. 2016. 1 vídeo (7 min. e 12 seg.). Publicado pelo canal Farmácia Fácil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wjmkxiXEmeg> Acesso em: 02 set. 2021.

DSTs / ISTs - **infecções sexualmente transmissíveis**. 2020. 1 vídeo (10 min. e 11 seg.). Publicado pelo canal Tecnologias na Educação Prof Marcia. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bha7uVLMMyso>. Acesso em: 02 set. 2021.

FIGUEIRO, M. N. D. **Educação Sexual: retomando uma proposta, um desafio**. Londrina. Ed. UEL, 1996, 190p.

FIGUEIRO, M. N. D **Educação sexual: múltiplos temas, compromisso comum**. (org.) Educação Sexual: como ensinar no espaço da escola. – Londrina: UEL, 2009. 190p.

GOMES, Claudia de Moraes; HORTA, Natália de Cássia. **Promoção de saúde do adolescente em âmbito escolar**. Revista de Aps, Minas Gerais, v. 13, n. 4, p. 486-499, 1 fev. 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/aps/article/view/14606>. Acesso em: 02 set. 2021.

GONÇALVES, Helen et al. **Início da vida sexual entre adolescentes (10 a 14 anos) e comportamentos em saúde**. Revista Brasileira de Epidemiologia [online]. 2015, v. 18, n. 1 [Acessado 18 Novembro 2021], pp. 25-41. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-5497201500010003>. Epub Jan-Mar 2015. ISSN 1980-5497. <https://doi.org/10.1590/1980-5497201500010003>. Acesso em: 18 nov. 2021.

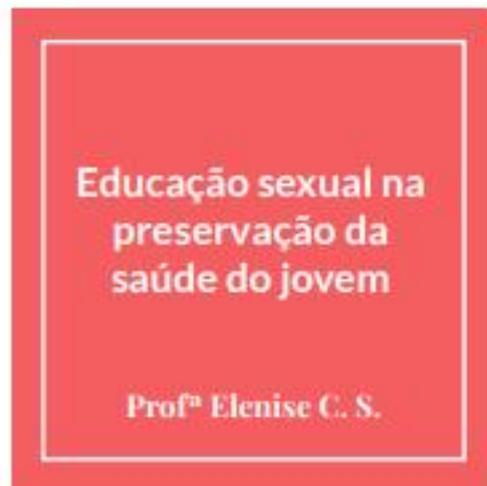
- JARDIM, Dulcilene Pereira, **Orientação sexual na escola: a concepção dos professores de Jandira** – SP, 2006.
- JARDIM, D. P.; BRETAS, J. R. S. **Orientação sexual na escola: a concepção dos professores de Jandira** – SP. Revista Brasileira de Enfermagem, 2006, p.157-62.
- LOURO, Guacira Lopes. **Corpo, escola e identidade**. 2000. Educação&Realidade. p. 59-75.
- MEDEIROS, T. S. Et Al, Refletindo Sobre A Sexualidade Na Adolescência; Revista Includere, Mossoró, V. 1, N. 1, P. 23-33, Ed. Especial, 2015
- NÓVOA, A. **Desafios do trabalho do professor no mundo contemporâneo**. SINPRO-SP, Edição J.S. Faro e Priscila Gutierre. São Paulo, 2007
- PERICOLO, Camila Sá; BRITTO, Néli Suzana Quadros. **A ciência biologia e a formação de pedagogas – uma conversa sobre corpo, gênero e sexualidade**. 2017. V Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades. Disponível em: http://www.editorarealize.com.br/revistas/enlacando/trabalhos/TRABA_LHO_EV072_MD1_SA26_ID629_22062017102633.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2021.
- RODRIGUES, Cibele Pavani. **A sexualidade no ambiente escolar: a visão dos professores de educação infantil**. Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade, Bebedouro-SP, 2014.
- RIBEIRO, Paula Regina Costa. **A sexualidade e o discurso biológico**. In: RIBEIRO, Paula Regina Costa; QUADRADO, Raquel Pereira. **Corpos, gênero e sexualidade: questões possíveis para o currículo escolar**. 3. ed. Rio Grande: Editora da Furg, 2013. p. 35-38. Caderno pedagógico - anos finais.
- SILVA, L. M. M.; SANTOS, S. P. **Sexualidade e Formação Docente: representações de futuros professores/as de Ciências e Biologia**. VII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, Campinas, 2011
- SOUZA, Nádya Geisa Silveira de. **O corpo como uma construção biossocial: implicações no ensino de ciências**. In: RIBEIRO, Paula Regina Costa; QUADRADO, Raquel Pereira. **Corpos, gênero e sexualidade: questões possíveis para o currículo escolar**. 3. ed. Rio Grande: Editora da Furg, 2013. p. 16-22. Caderno pedagógico - anos finais.

VALDIVINO, Joelma Oliveira A Orientação Sexual E Sua Importância No Contexto Escolar.2006. Disponível Em :

www.ufpb.br/evento/liti/ocs/index.php/17redor/17redor/paper/download/378/212

ZYLBERSZTEJN, Daniel. **Somente 1% de adolescentes do sexo masculino vai ao médico.** 2020. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2020-09/somente-1-de-adolescentes-do-sexo-masculino-vai-ao-medico>>. Acesso em: 17 jul. 2021.

**APÊNDICE A – APRESENTAÇÃO EM FORMA DE *SLIDES* SOBRE IST'S E
MÉTODOS CONTRACEPTIVOS**



Educação sexual na preservação da saúde do jovem

O que é uma IST?



O que é uma IST?

- As Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) são causadas por vírus, bactérias ou outros microrganismos.



Educação sexual na preservação da saúde do jovem

Quais são as principais IST mais recorrentes?



Quais são as principais IST mais recorrentes?

- Herpes genital,
- Sífilis,
- Gonorreia,
- Tricomoníase,
- Infecção pelo HIV,
- Infecção pelo Papilomavírus Humano (HPV),
- Hepatites virais B,
- Infecção pelo vírus linfotrópico de células T humanas (HTLV).



Vírus do papiloma humano

Outros nomes: HPV

- Infecção que causa verrugas em diversas partes do corpo, dependendo do tipo do vírus.
- O HPV é a IST mais comum.
- Muitas pessoas com HPV não desenvolvem nenhum sintoma, mas ainda podem infectar outros indivíduos pelo contato sexual. Os sintomas podem incluir verrugas nos órgãos genitais ou na pele circundante.
- Não há cura para o vírus, e as verrugas podem desaparecer por conta própria.
- O tratamento visa eliminar as verrugas.
- Uma vacina que previne os variados tipos de HPV com maior probabilidade de causar verrugas genitais e câncer cervical é recomendada para meninas e meninos.

Muito comum

Casos por ano: mais de 2 milhões (Brasil)

- Propaga-se por contato sexual
- Alguns tipos podem ser evitados por vacina
- O tratamento pode ajudar, mas essa doença não tem cura
- Crônico: pode durar anos ou a vida inteira
- Requer um diagnóstico médico
- Frequentemente requer exames laboratoriais ou de imagem

COMO É A PROPAGAÇÃO

- Por sexo vaginal, anal ou oral sem proteção.
- De mãe para bebê durante a gravidez, parto ou amamentação.



Herpes genital

- Infecção comum sexualmente transmissível caracterizada por **dor e feridas genitais**.
- Causada pelo vírus da **herpes simples**, a doença pode afetar tanto homens como mulheres.
- **Dor, coceira e pequenas feridas** podem ocorrer no primeiro momento. Elas formam **úlceras e crostas**.
- Após a infecção inicial, a herpes genital permanece **inativa no corpo**.
- Os **sintomas podem reaparecer durante anos**.
- É possível usar medicamentos para **controlar os surtos**.

Muito comum

Casos por ano: mais de 2 milhões (Brasil)

- Propaga-se por contato sexual
- O tratamento pode ajudar, mas **essa doença não tem cura**
- Crônico: **pode durar anos ou a vida inteira**
- Geralmente diagnosticável pela própria pessoa
- Frequentemente requer exames laboratoriais ou de imagem

COMO É A PROPAGAÇÃO

- Por sexo vaginal, anal ou oral sem proteção.
 - De mãe para bebê durante a gravidez, parto ou amamentação.
-

Gonorreia

Outros nomes: Blenorragia

- Infecção bacteriana sexualmente transmissível que, se não for tratada, pode **causar infertilidade**.
- A triagem regular pode ajudar a detectar casos em que **há uma infecção**, apesar da **ausência de sintomas**.
- Os sintomas incluem **dor ao urinar e secreção anormal do pênis ou da vagina**. Os homens podem sentir **dor testicular** e as mulheres, **dor pélvica**. Em alguns casos, a gonorreia **não tem sintomas**.
- A gonorreia pode ser tratada com antibióticos.

Muito comum

Casos por ano: mais de 2 milhões (Brasil)

- Propaga-se por contato sexual
- O tratamento é feito com auxílio médico
- Curto prazo: **resolve-se em dias ou semanas**
- Requer um diagnóstico médico
- Sempre requer exames laboratoriais ou de imagem

COMO É A PROPAGAÇÃO

Por sexo vaginal, anal ou oral sem proteção.

De mãe para bebê durante a gravidez, parto ou amamentação.

Sífilis

Outros nomes: *Araricose*

- Infecção bacteriana geralmente transmitida pelo contato sexual que começa como uma ferida indolor.
- A sífilis **desenvolve-se em estágios**, e os sintomas variam conforme cada estágio.
- A **primeira etapa** envolve uma **ferida indolor na genitália, no reto ou na boca**. Após a cura da ferida inicial, a **segunda fase** é caracterizada por uma **irritação na pele**. Depois, **não há sintomas até a fase final**, que pode ocorrer anos mais tarde. Essa **fase final** pode resultar em danos para cérebro, nervos, olhos ou coração.
- A sífilis é tratada com penicilina. Os parceiros sexuais também devem ser tratados.

Rara

Casos por ano: menos de 150 mil (Brasil)

- Propaga-se por contato sexual
- O tratamento é feito com auxílio médico
- Curto prazo: **resolve-se em dias ou semanas**
- Requer um diagnóstico médico
- Sempre requer exames laboratoriais ou de imagem

COMO É A PROPAGAÇÃO

- Por sexo vaginal, anal ou oral sem proteção.
- Por produtos sanguíneos (agulhas sujas ou sangue não testado).
- De mãe para bebê durante a gravidez, parto ou amamentação.

AIDS

sigla em inglês para a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (Acquired Immunodeficiency Syndrome)

- A AIDS é causada pelo vírus HIV, que **interfere na capacidade do organismo de combater infecções**.
- O vírus pode ser **transmitido pelo contato com sangue, sêmen ou fluidos vaginais infectados**.
- **Algumas semanas depois da infecção pelo HIV, podem ocorrer sintomas semelhantes aos da gripe, como febre, dor de garganta e fadiga**. A doença costuma ser assintomática até evoluir para AIDS. Os sintomas da AIDS incluem perda de peso, febre ou sudorese noturna, fadiga e infecções recorrentes.
- **Não existe cura para a AIDS**, mas uma adesão estrita aos regimes antirretrovirais (ARVs) pode retardar significativamente o progresso da doença, bem como prevenir infecções secundárias e complicações.

Comum

Casos por ano: mais de 150 mil (Brasil)

- Propaga-se por contato sexual
- O tratamento pode ajudar, mas essa doença não tem cura
- Crônico: **pode durar anos ou a vida inteira**
- Requer um diagnóstico médico
- Sempre requer exames laboratoriais ou de imagem

COMO É A PROPAGAÇÃO

- Por produtos sanguíneos (agulhas sujas ou sangue não testado).
- Por sexo vaginal, anal ou oral sem proteção.
- De mãe para bebê durante a gravidez, parto ou amamentação.

Clamídia

Outros nomes: Infecção por Clamídia

- Uma doença comum e sexualmente transmissível que pode não apresentar sintomas.
- A clamídia **afeta pessoas de todas as idades**, porém é mais comum em mulheres jovens.
- Muitas pessoas com clamídia, mesmo sem apresentar sintomas, podem infectar outros indivíduos por **contato sexual**.
- Os sintomas incluem **dor genital e secreção pela vagina ou pênis**.
- É recomendado o uso de antibióticos tanto para o paciente afetado como para os parceiros sexuais dele. A triagem de outras informações sexualmente transmissíveis também deve ser realizada.

Comum

Casos por ano: mais de 150 mil (Brasil)

- Propaga-se por contato sexual
- O tratamento é feito com auxílio médico
- Curto prazo: **resolve-se em dias ou semanas**
- Requer um diagnóstico médico
- Sempre requer exames laboratoriais ou de imagem

COMO É A PROPAGAÇÃO

- Por sexo vaginal, anal ou oral sem proteção.
 - De mãe para bebê durante a gravidez, parto ou amamentação.
-

Tricomoníase

Outros nomes: Tricomonose

- Doença sexualmente transmissível **provocada por um parasita**.
- A tricomoníase é uma das infecções sexualmente transmissíveis mais comuns. Os fatores de risco incluem ter vários parceiros sexuais e não utilizar preservativos durante as relações sexuais.
- A tricomoníase **provoca corrimento vaginal de odor desagradável, coceira genital e dor ao urinar nas mulheres**. Os homens não costumam apresentar sintomas. As complicações incluem o **risco de parto prematuro em gestantes**.
- O tratamento envolve uma grande dose de determinado antibiótico oral para ambos os parceiros.

Muito comum

Casos por ano: mais de 2 milhões (Brasil)

- Propaga-se por contato sexual
- O tratamento é feito com auxílio médico
- Curto prazo: **resolve-se em dias ou semanas**
- Requer um diagnóstico médico
- Sempre requer exames laboratoriais ou de imagem

COMO É A PROPAGAÇÃO

- Por sexo vaginal, anal ou oral sem proteção.
-

Hepatite B

- Uma infecção grave do fígado causada pelo vírus da hepatite B, que pode ser facilmente prevenida por meio de vacina.
- Essa doença é transmitida com maior frequência pela exposição a fluidos corporais infectados.
- Os sintomas variam e incluem amarelamento dos olhos, dor abdominal e urina escura. Algumas pessoas, especialmente crianças, não apresentam sintomas. Nos casos crônicos, pode ocorrer insuficiência hepática, câncer ou o surgimento de feridas.
- Em casos mais leves, a doença desaparece sozinha. Casos crônicos necessitam de medicação e, possivelmente, de um transplante de fígado.

Comum

Casos por ano: mais de 150 mil (Brasil)

- Propaga-se por contato sexual
- Pode ser evitada com vacina
- O tratamento é feito com auxílio médico
- Requer um diagnóstico médico
- Sempre requer exames laboratoriais ou de imagem

COMO É A PROPAGAÇÃO

- Por produtos sanguíneos (agulhas sujas ou sangue não testado).
 - Por sexo vaginal, anal ou oral sem proteção.
 - De mãe para bebê durante a gravidez, parto ou amamentação.
-

Infecção pelo Vírus T-linfotrófico humano (HTLV)

A doença é causada pelo vírus T-linfotrófico humano (HTLV), que infecta as células de defesa do organismo, os linfócitos T. O HTLV foi o primeiro retrovírus humano isolado (no início da década de 1980) e é classificado em dois grupos: HTLV-I e HTLV-II.

Formas de contágio

A transmissão desse vírus se dá pelo:

- sexo sem camisinha com uma pessoa infectada,
- compartilhamento de seringas e agulhas durante o uso de drogas
- e da mãe infectada para o recém-nascido (também chamado de transmissão vertical), principalmente pelo aleitamento materno.

Sinais e sintomas

A maioria dos indivíduos infectados pelo HTLV não apresentam sintomas durante toda a vida. Mas um pequeno grupo dos infectados pode desenvolver manifestações clínicas graves, como alguns tipos de câncer, além de problemas musculares (polimiosite), nas articulações (artropatias), nos pulmões (pneumonite linfocítica), na pele (dermatites diversas), na região ocular (uveíte), além da síndrome de Sjögren, doença autoimune que destrói as glândulas que produzem lágrima e saliva.

Tratamento

Como o risco do desenvolvimento da doença associado ao HTLV é muito baixo, não há tratamento específico para a infecção. O paciente deve ser acompanhado em serviço de saúde especializado, para diagnosticar e tratar precocemente doenças que podem estar associadas.

Educação sexual na preservação da saúde do jovem

Quais as formas de transmissão de IST?



Quais as formas de transmissão de IST?

- **Contato sexual** (oral, vaginal, anal) sem o uso de camisinha masculina ou feminina, com uma pessoa que esteja infectada.
- **Transmissão vertical** para a criança durante a gestação, o parto ou a amamentação, quando medidas de prevenção não são realizadas.
- Meio não sexual, pelo **contato de mucosas** ou **pele não íntegra** com secreções corporais contaminadas.



Educação sexual na preservação da saúde do jovem

Como podemos prevenir essas Infecções?



Como podemos prevenir essas Infecções?

- **Uso da camisinha** (masculina ou feminina) em todas as relações sexuais (orais, anais e vaginais).



Educação sexual na preservação da saúde do jovem

Quais são os métodos contraceptivos?



Quais são os métodos contraceptivos?

- Camisinha masculina
- Camisinha feminina
- Diafragma
- Pilula anticoncepcional
- Hormônio injetável
- Anel vaginal
- Pilula do dia seguinte
- Adesivo hormonal
- Implante subcutâneo
- Dispositivo Intra-Uterino (DIU)
- Endoceptivos
- Espermecidas





O ordenamento jurídico brasileiro atribui aos pais certos deveres, em virtude do exercício do poder familiar. A Constituição Federal, em seu art. 227, atribui à família o dever de educar, bem como o dever de convivência e o respeito à dignidade dos filhos, devendo esta, sempre primar pelo desenvolvimento saudável do menor. No mesmo sentido, o art. 229 da CF/88 atribui aos pais o dever de assistir, criar e educar os filhos.

**APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ESTUDANTES SOBRE
IST'S**

ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO MÉDIO PAULO FREIRE

Totalidade/Ano: **EJA, E.Fundamental, E.M**

Setor: () A () B

Número: _____

Professor (a): **Elenise C.S**

Questionário sobre IST

Marque apenas uma alternativa:

- As Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) são provocadas por vírus, bactérias ou outros microrganismos e são transmitidas, essencialmente, através do contato sexual. A nomenclatura Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) substitui a expressão Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST), **uma vez que:**
 - () Evidencia a capacidade de um indivíduo possuir e transmitir uma infecção, mesmo que não manifeste sinais ou sintomas.
 - () Caracteriza que um indivíduo transmite uma infecção apenas por via sexual.
 - () Embora a transmissão possa ocorrer, da mãe para o filho durante a gestação, parto ou amamentação, somente é caracterizada *IST* se for via puramente sexual.
 - () O atendimento e o tratamento são apenas para parceiros que mantém relação sexual.
- Nem todas as infecções sexualmente transmissíveis manifestam sintomas, logo, não é possível evidenciar se um indivíduo apresenta alguma DST somente olhando para o mesmo. Com base nessa informação, marque **a alternativa que NÃO dispõe a prevenção contra uma dessas doenças:**
 - () Usar camisinha em todas as relações sexuais.
 - () Jamais fazer compartilhamento seringas.
 - () Não compartilhar objetos de uso particular, como por exemplo, lâmina de barbear.
 - () Não fazer compartilhamento de roupas íntimas.
 - () Usar constantemente métodos comportamentais nas relações sexuais.

- A Aids é uma doença que se qualifica pela baixa do sistema imunológico, desencadeando o surgimento de doenças oportunistas. Acerca da Aids, marque a alternativa correta:
 - () A Aids é provocada pelo vírus chamado de HPV.
 - () A Aids é transmitida puramente por via sexual.
 - () A Aids, se tratada no princípio, manifesta 100% de chance de cura.
 - () O exame para detectar o vírus da Aids é feito por meio da coleta de sangue e não é disponível gratuitamente.
 - () O uso de medicamentos antirretrovirais ajuda a aumentar a sobrevida dos soropositivos.
- De acordo com o Departamento de IST, Aids e Hepatites Virais, as infecções sexualmente transmissíveis (IST) são transmitidas, essencialmente, através do contato sexual sem o uso da camisinha com um indivíduo infectado e, comumente, manifestam-se através de feridas, corrimentos, bolhas ou verrugas. Analise as alternativas a seguir e marque aquela que indica uma **informação incorreta** a respeito das IST's.
 - () Toda IST manifesta sintoma na região genital.
 - () A gonorreia e a tricomoníase são exemplos de IST.
 - () A camisinha é uma das melhores maneiras de se prevenir o contágio por alguma IST.
 - () Todos os tipos de relação sexual podem transmitir IST.
 - () Algumas IST podem ser transmitidas durante a gestação da mãe para o bebê.

ANEXO A – CARTA DE ANUÊNCIA DA ESCOLA

CARTA DE ANUÊNCIA DA ESCOLA

O(A) Diretor (a) da Escola Estadual de Ensino Médio Paulo Freire, insenda na Socioeducação, localizada na cidade de Caxias do Sul, declara estar oiente e de acordo com a participação dos alunos desta Escola nos termos propostos no projeto de pesquisa intitulado "Importância de trabalhar Educação Sexual para estudantes do sexo masculino privados de liberdade", que tem como objetivos: Ressaltar a importância do ensino sobre educação sexual para jovens do sexo masculino restritos de liberdade; Mostrar que a responsabilidade sobre prevenção da gravidez é do homem e da mulher; Pensar nas potencialidades de promoção da saúde das atividades sobre educação sexual. Este projeto de pesquisa encontra-se sob responsabilidade do(a) professor (a)/pesquisador(a) Elenise Cogo dos Santos, sob orientação do(a) professor(a)/pesquisador(a) Tatiana Souza de Camargo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Esta autorização está condicionada à aprovação do projeto no Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UFRGS e ao cumprimento aos requisitos das resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional da Saúde, Ministério da saúde, comprometendo-se os pesquisadores a usar os dados pessoais dos sujeitos da pesquisa exclusivamente para fins científicos, mantendo o sigilo e garantindo a não utilização das informações em prejuízo dos sujeitos.

Caxias do Sul, 15 de julho de 2021.

Nome do(a) Diretor(a): Thais Enara Velho

Assinatura _____



Nome do(a) Diretor(a) da Unidade CASE - Caxias do Sul: Eliane Sander

Assinatura _____


Eliane Barbosa Sander
Diretora - Matr. 8154.7
CASE Caxias do Sul / FASE-RS

Professor(a)/Pesquisador(a) responsável (UFRGS): Prof^ª Dr^ª Tatiana Souza de Camargo

Assinatura _____

